

Recensões

Cristóbal SUÁREZ DE FIGUEROA, *Plaza universal de todas ciencias y artes* (ed. Maurício Jalón), [Valladolid], Junta de Castilla y León. Consejería de Cultura y Turismo, 2 vols. (col. *Estudios de historia de la ciencia y de la técnica*, 27), 2006, 2 vols., 1070 p.

No mundo da edição de textos clássicos – clássicos, para não dizer antigos –, quer dos que tinham ficado inéditos, quer dos que, desde sempre, se conheceram impressos, um mundo complexo e sempre perfectível, há edições desafortunadas – pelas lições disponíveis..., pelos descuidos dos curadores e pelas imperícias dos tipógrafos ou, hoje, dos compositores... – e obras afortunadas cujas edições oferecem lições fiáveis – que é a principal exigência de qualquer edição – e, muitas vezes, acompanhadas – e, logo, valorizadas – por estudos, anotações e índices que, mais do que *uma* leitura, são um convite a outros modos de ler que permitam ir situando o texto editado ou reeditado no campo sempre infundo das suas relações culturais. Dentre os textos clássicos que, apesar de sempre bafejados por *utriusque Fortuna* – basta para tanto ver qualquer bem composta lista das suas edições –, se viram de novo acarinhados pela favorável Fortuna, há que contar, recentemente, a *Piazza universale di tutte le professioni del mondo* (Venezia, 1585) de Tommaso Garzoni e, recentissimamente, a *Plaza universal de todas ciencias y artes* (Madrid, 1615) que, como honestamente se declara na sua própria portada, «parte traducida de toscano, y parte compuesta por el Doctor Christoval Suárez de Figueroa», mais não é, como se sabe, que uma notável adaptação da obra do famoso italiano. Efectivamente, se tanto a *Piazza universale* como a *Plaza universal* sempre mereceram a atenção dos leitores dos séculos XVI, XVII e XVIII e dos estudiosos da História da Cultura, especialmente desde as perspectivas da Literatura e da História da Ciência, só em 1996 a monumental obra italiana recebeu, em duas diferentes edições, a consagração da sua longa história editorial que, em larga parte, também é a da sua leitura, e, por seu turno, em 2006, a sua adaptação espanhola, a sua. Referimo-nos, evidentemente, às edições que preparam G. B. Bronzini com a colaboração de Pina De Meo e L. Carceri (Firenze, Leo Olschki, 1996), e P. Cherchi e B. Collina (Torino, Einaudi, 1996) e, para a obra de C. Suárez de Figueroa, Mauricio Jalón (Junta de Castilla y León, 2006), que, naturalmente, antes de louvar, temos que festejar como um daqueles monumentos que serão um marco da cultura peninsular.

Publicada, como as duas recentes italianas, em dois volumes, a edição, propriamente dita, da *Plaza universal de todas ciencias y artes* é precedida de uma longa introdução – «El compendio universal de Suárez de Figueroa» – de Maurício Jalón, quem, como refere no final da mesma, se teve o contributo indispensável de muitos colegas e amigos, não gozou de um ou dois Cireneus que, como aos colegas italianos, o tivessem ajudado a levar a cabo tão magna e ingente empresa «que exige enfrentarse a un mundo oceánico de conocimientos». O que não deixa de ser o primeiro motivo da nossa admiração. Nessas páginas (7-42), M. Jalón, para além de traçar a bibliografia traçável do irrequieto e difícil C. Suárez de Figueroa – que resume, epigraficamente, em «Sueño, sombra, nada», e de estabelecer, em linhas certeiras, «El mundo de Garzoni, o cierta Italia hacia 1585» e de definir, delimitando-os, os trabalhos de dos dois autores – «Teatro y plaza: el casillero de las profesiones» – face à preocupação antiga e mais «moderna» pelas «profissões», justamente entendidas por «las concretas experiencias en la división de trabajo o el estudio reglado, y no solo de una experiencia existencial más o menos desvalida» (25) –, páginas que, com precisão, nos antecipam muita da não menos «oceânica» erudição que não só luzirá nas notas à obra – o seu escrupuloso saber leva-o a oferecer-nos em latim o nome das plantas citadas... –, mas também nos ordena as principais fontes, directas e indirectas, de essa «preocupação» e do «enciclopedismo» que manifesta e organiza esses «dibros de libros», quer dizer, essa «universal noticia de cada una de las ciencias, sus inventores, origen, introducción en varias provincias y reinos, sus profesores más distinguidos...», etc.. Distingamos, ainda que não seja o último capítulo desse notável estudo, as páginas dedicadas a ponderar «La parcial originalidad de Suárez de Figueroa» em que, depois de chamar a atenção para o trabalho, nem sempre feliz, de supressão, reordenação e, muitas vezes, de simplificação e de ampliação e acrescamento do autor castelhano, M. Jalón, anotando, certamente, que nele se «acentua el abandono de la perspectiva humanista», conclui que «Suárez de Figueroa, más que un creador, parece un *espectador* barroco, un individuo moderno y observador a distancia de

las cosas» (34). E se a conclusão de M. Jalón é, como cremos, válida, seria sempre interessante ponderar esse «abandono» medindo-o pela pauta dessa «historia de las artes y las invenciones» que, como se sabe, L. Vives propunha que o aluno se fosse formando pela investigação de «cómo cada una de [las] artes fue inventada, ampliada, aplicada»... De qualquer modo, independentemente do modo «distante» como foram utilizadas, os *Dicta...*, as *Vanitates...*, as *Silvae...*, as *Officinae...*, os *Theatros...*, os *Cataloguí...*, os *Jardins...*, confluindo nas obras de T. Garzoni e de Suárez de Figueroa, delas fizeram umas minas de informação e citações, nem sempre fáceis de manejar e calibrar, para autores e de deleite para leitores – e não já para alunos «humanistas»... –, como não só sugerem as suas várias edições e readaptações, mas também documentam a sua surpreendente utilização, muitas vezes encapotada, em obras aparentemente longínquas dessas perspectivas «profissionais». Tenha-se em vista, por exemplo, o que se passou com o aproveitamento da *Plaza Universal* em *Corte na Aldeia* (Lisboa, 1619) em que o seu autor, F. Rodrigues Lobo, pese a tê-la dedicado ao mesmo D. Duarte de Bragança, marquês de Flechilla y Mondragón, que também aceitou a de Suárez de Figueroa, preferiu a «versão» italiana à castelhana para pilhar não só o que diz respeito a profissões (poetas..., soldados..., letrados..., cortesãos, etc.), mas ainda muito do que diz respeito à Retórica e à «Teoria poética» e até à ilustração do que deve – e é muitíssimo – ao *Galateo español* de L. Gracián Dantisco.

Quanto à edição do texto da *Plaza universal* de Suárez de Figueroa, M. Jalón, procedendo a um cotejo rigoroso com o texto de Garzoni de 1589, talvez confiado, como o seu editor, em que uma edição «com la grafia lo más actualizada posible y com una puntuación moderna» seria, como é óbvio, «más claramente legible», preferiu não apenas essa proceder a essa intervenção, mas ainda eliminar, reduzindo-as às actuais, as alternâncias do género de *platico / práctico...*, *respeto / respecto...*, *demás / además...* Embora perfeitamente legítimas, estas opções se podem, efectivamente, facilitar a leitura e torná-la mais atractiva, também nos fazem perder um dos sentidos da dimensão histórica dos textos – e estes, como sabemos, nunca são actuais... – e, no caso da pontuação, se não se observar a prudência que M. Jalón – prudência que se manifesta igualmente, na manutenção de formas como *de quien* (não pessoal) e de *otros* («además de otros») – podemos induzir a leituras que não eram nem as do seu autor nem dos seus leitores, a começar, naturalmente, pelo editor de 1615... Em nome da mesma historicidade do texto – de qualquer texto –, talvez – talvez! – tivesse sido igualmente mais justificável deixar as citações em latim tal como Suárez de Figueroa, por preguiça ou não, as deixou e, segundo os casos, oferecer a sua tradução em castelhano..., e publicar, nos respectivos lugares, os paratextos iniciais da obra, a começar pelas censuras e a acabar na dedicatória, mesmo que esta tenha um limitado interesse, pois sempre poderá haver algum leitor que se interroge e nos esclareça sobre os porquês de tão limitado interesse...

Tirando estas ligeiras ressalvas, e admirando, uma vez mais a enorme e segura erudição do «editor», M. Jalón, nos milhares de notas que esclarecem e precisam o texto – saudemos ainda as rigorosas indicações bibliográficas com que autoriza muitas delas –, apenas fica, a um antigo leitor destas obras, o dever de agradecer o ter oferecido uma edição que seguramente entrará no *catalogus universalis* – que é restrictíssimo – das edições preciosas levadas a cabo pela erudição nossa contemporânea.

José Adriano de Freitas Carvalho

Babel Ibérico: Antología de textos críticos sobre la literatura portuguesa traducida en España (ed. Xosé Manuel Dasilva), Vigo, Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, 2006. 502 p.

O livro em apreço assume-se como uma antologia. Tem 502 páginas e está dividido em 3 secções: I, o “Preámbulo”; II, os “Textos Seleccionados”, que são 186, devidamente numerados e III, a “Bibliografía”, subdividida em 2 alíneas: a) “Antologías de Textos sobre traducción” e b) “la traducción de la literatura portuguesa en España”. Segundo intenção manifestada pelo organizador, no prefácio, este é um primeiro volume de um conjunto previsto de dois, sendo que o próximo versará sobre a recepção e a tradução, em Portugal, de obras escritas em espanhol: *Babel ibérico. Antología de textos críticos sobre la literatura española traducida en Portugal*.

O autor, Professor Titular na Faculdade de Filoxía e Traducción da Universidade de Vigo, tem uma vasta bibliografia na área, sendo ele próprio um tradutor experiente e é responsável por um outro volume afim, dedicado ao galego (2003): *Babel entre nós. Escolma de textos sobre a traducción en Galicia*. Vigo: Universidade de Vigo.

A obra sobre a literatura portuguesa traduzida em Espanha é constituída por prólogos e outros paratextos, por um lado, mas também por artigos de jornal e recensões sobre as obras literárias traduzidas, bem como por textos sobre a tradução entre o espanhol e o português, nomeadamente de Fernando Pessoa e por algumas cartas. A utilidade de uma antologia deste teor é óbvia: aqui se podem encontrar textos que têm muito em comum e se encontram dispersos, sendo muitos deles

de difícil acesso. A sua disponibilização tem, portanto, um nítido objectivo prático, servindo não só a estudiosos de ambas as línguas e literaturas, mas ainda aos tradutores e estudantes da área da tradução. Mas, como o organizador confessa no prefácio, a reconstituição das peculiares relações culturais entre Portugal e Espanha foi também um objectivo perseguido. Assim, Xosé Manuel Dasilva procurou, por intermédio desta antologia, lutar contra a indiferença, a mútua ignorância, o “desencontro” e a distância cultural hispano-portuguesa. Ao recolher os 186 textos seleccionados, o organizador revela, assumidamente, uma intenção “memorialista” também. Os textos pertencem a 150 autores diferentes e abarcam um período de 400 anos, dado que o primeiro é de Pedro Nunes, de 1567, explicando por que razão decidiu “trasladar em língua castelhana” o seu *Libro de algebra*, sendo o último de 1999, de Carmen Martín Gaité, do Prólogo à sua tradução de *El misterio de la carretera de Sintra*, de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão.

Porque esta antologia pretende ser útil, o autor decidiu-se, e bem, quer pela modernização da ortografia, quer por um critério cronológico. Este permite ir seguindo, ao longo dos tempos, as aproximações entre as duas literaturas irmãs, possibilitando uma melhor compreensão das relações culturais e políticas entre os países. Vamos tendo notícias do Iberismo, mas também, anos mais tarde, pela pena de António Sardinha, dos argumentos a favor de uma aliança peninsular, num período histórico em que se podem igualmente ler elogios a Salazar (p. 268).

Ao longo dos 400 anos passados em revista, muitas páginas são obviamente dedicadas a traduções castelhanas de Camões e de *Os Lusíadas*, mas também a Fernão Mendes Pinto, a Luís António Verney, a D. Francisco Manuel de Melo e ao P^o António Vieira. O século XIX merece destaque, já que muitos escritos centram a sua atenção em Herculano, em Garrett e no *Frei Luís de Sousa*, em Camilo Castelo Branco (durante anos o preferido de D. Miguel de Unamuno), em Antero, Alberto de Serpa, Trindade Coelho, Abel Botelho, Joaquim Paço D’Arcos, Eugénio de Castro, Camilo Pessanha e na *Clepsidra*, em Oliveira Martins, Raúl Brandão e, obviamente, em Eça de Queirós. Em grande parte também, os textos antologados debruçam-se sobre o século XX português. Há-os sobre Fernando Namora, Ferreira de Castro, Fernando Pessoa. Alguns dos nomes são óbvios porque, tendo escrito também em castelhano, como Camões, Gil Vicente ou D. Francisco Manuel de Melo, são igualmente poetas espanhóis. Outros são incontornáveis pelo seu consabido amor a Espanha ou pela teorização desenvolvida em torno da união peninsular, como os autores da geração de 70, Teixeira de Pascoaes ou Miguel Torga, ele próprio autor do Prefácio da tradução espanhola de *Os Bichos* (pp. 254-256).

O valor desta antologia afere-se não só pela craveira dos escritores traduzidos, mas igualmente pela qualidade de muitos dos autores cujos textos foram compendiados e que são nomes maiores do pensamento e da cultura dos dois países ibéricos: Luís de Góngora, Francisco Sánchez de las Brozas, Guerra Junqueiro, D. Miguel de Unamuno, Clarín, Fernando Pessoa, Dámaso Alonso, Eugenio Asensio, Pina Martins, Fidelino de Figueiredo, Gonzalo Torrente Ballester, Pilar Vásquez Cuesta, Ángel Crespo, entre muitos outros.

A intercompreensão linguística das duas línguas ibéricas em causa, hoje preconizada, no âmbito mais genérico da intercompreensão das línguas românicas, tinha já os seus defensores, de um e do outro lado, nas primeiras décadas do século XX. De facto, Romuldo de Lafuente (cf. p. 53), D. Miguel de Unamuno ou Pessoa (cf. p. 202, 203), defendem que os falantes de uma língua deveriam possuir competência de leitura também na outra, tendo tudo a lucrar com esse contacto literário e linguístico. Mas as exigências do chamado grande público explicam que as traduções continuem a editar-se, apesar das vozes em contrário. Esperemos que continuem a fazer-se de modo cada vez mais rigoroso, contrariando uma tendência para o facilitismo da tradução como, por vezes, aconteceu no passado. Com efeito, certos autores, nesta antologia, denunciam situações inaceitáveis de atropelo em algumas traduções castelhanas, por exemplo, em grande parte das que respeitam a obra de Eça de Queirós (cf. pp. 247-251), ou, a de P^o António Vieira que, em carta de (1679) a Duarte Ribeiro de Macedo, se queixa do desgosto que sente devido a terem sido publicados em seu nome sermões dos quais só reconhece quatro “[...] e esses totalmente não só transfigurados mas desfigurados” (p. 46).

O mérito da antologia organizada por Xosé Manuel Dasilva consiste, acima de tudo, em disponibilizar, de modo rigoroso, organizado e cómodo para quem a lê, textos que seriam, sem ela, de muito difícil acesso e, eventualmente, permaneceriam para sempre desconhecidos de um público mais alargado, como é hoje o dos tradutores, dos investigadores e dos estudantes universitários que, na Península Ibérica ou fora dela, estudam português e castelhano e por meio desta obra podem obter uma panorâmica muito completa dos textos críticos sobre a literatura portuguesa traduzida em Espanha.

Isabel Margarida Duarte